



COLÉGIO JOÃO PAULO I – UNIDADE SUL
INTRODUÇÃO À METODOLOGIA CIENTÍFICA 2023

TURMA: 9B

GUERRA DE CANUDOS

Aluno: Matias Kramer Turela
Orientador: Rafael Trindade

Porto Alegre/RS

2023

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
Justificativa	6
Objetivo	6
2. METODOLOGIA	7
3. RESULTADOS	7
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	7
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	7
ANEXOS	8

1. INTRODUÇÃO

O Brasil, na última década do século XIX, viveu uma importantíssima mudança: o golpe de 1889, que depôs Dom Pedro II do poder, acabando com o Império e colocando o militar marechal Deodoro da Fonseca como o novo presidente do país, transformando-o em uma república.

Neste contexto, no interior da Bahia, em 1893, um homem chamado Antônio Conselheiro, um líder religioso que chamava a atenção de camponeses, negros e sertanejos, formou um arraial no interior do estado junto de seus seguidores. Já em 1896, o arraial se expandiu bastante, contando com mais de 25 mil pessoas e se tornando até um ponto de exportação, o que acabou chamando a atenção de de latifundiários, coronéis e da Igreja, mas, principalmente, dos militares que não concordavam com o modo como esses sertanejos vivam. A discordância ocorria, pois essas pessoas do arraial não pagavam impostos e não seguiam as leis estabelecidas pelo Estado. Além disso, também o governo federal também falava que Antônio Conselheiro era uma ameaça, porque era considerado louco, contra a república e a favor da volta do Império.

Por conta disso, o governo baiano enviou duas expedições para tentar acabar com a região de Canudos, mas as duas fracassaram, pois as forças sertanejas derrotaram-no. Essas duas derrotas foram tratadas como uma vergonha pelos militares, que, em uma forma de mostrar a honra do exército nacional, mandaram mais duas expedições, sendo que a terceira fracassou de novo, mas, na quarta, de tanta raiva que os militares estavam do povo de Canudos, com mais de dez mil homens, liderados pelo oficial Carlos Bittencourt junto de canhões, bombardearam todo o arraial e o destruíram por inteiro (Silva-Fath, 2016).

Para demonstrar a última expedição e o massacre que ocorreu em Canudos, Costa (2017) diz:

“O arraial de Belo Monte é tomado pela 4ª expedição que encontra numa trincheira perto da igreja nova apenas quatro resistentes que não se rendem: dois homens, um velho e um menino. As tropas incendiam todo o arraial de 5.200 casebres e as duas igrejas com bombas de dinamite e tochas de querosene seguindo as ordens dos oficiais de aniquilar completamente o povoado e os conselheiristas”. (Costa, 2017)

Por esses motivos citados acima, é de extrema importância que se entenda os motivos e as intenções de militares, coronéis, latifundiários e até os motivos religiosos, que representaram um fator importante para todos os acontecimentos, já

que para a Igreja e os coronéis, os sertanejos eram um aglomerado de fanáticos que deveriam ser eliminados. Por sua vez, os militares e os latifundiários acreditavam que os “fanáticos” queriam derrubar a recém formada república e restaurar a monarquia no país. Porém, apesar de Antônio Conselheiro, “fundador” do arraial, apoiar e ser a favor da monarquia, o seu intuito e das pessoas que moravam em Canudos era de ter melhores condições de vida, o que conseguiram, já que em pouco tempo eles se tornaram autossustentáveis e começaram a realizar exportações de matérias-primas para fora do país (Costa, 2017).

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (Cunha, 1902), a frase de Euclides da Cunha, renomado escritor brasileiro, um dos maiores que o Brasil já teve, autor de grandes livros, como “Os sertões”, demonstra quão forte foi o povo que ali viveu no arraial que, antes de tudo acontecer, era composto, em sua maioria, por miseráveis que não tinham nada e foram para lá tentar ganhar a vida, e acabaram se tornando também guerreiros que lutaram contra o exército brasileiro (De Oliveira Silva, 2001).

Uma das poucas coisas que podemos tirar de bom sobre a guerra é a literatura que ganhou livros fantásticos como “Os sertões”, de Euclides da Cunha, livro que foi multipremiado; “A guerra total de canudos”, do autor Frederico Pernambucano De Mello, entre outros (Baroni, 2011).

Pode-se dizer também que Euclides da Cunha fez parte da história da guerra, pois, por muito tempo, nós apenas tínhamos os relatos feitos em sua obra, o que fez com que a campanha canudense ficasse conhecida como “a história de Euclides”. Outra pessoa que ficou muito interessada sobre a história da guerra foi o presidente Getúlio Vargas, que, na época, prometeu até aproveitar as águas do rio Vaza-Barris para a construção do açude de Cocorobó, promessa que veio a ser cumprida apenas em 1969, pelo regime militar (Baroni, 2011).



Correia Misen da República (83)

CANUDOS A SUDESTE – EM PRIMEIRO plano, uma típica casa do arraial. Segundo relato do correspondente da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, Favila Nunes, as construções de Canudos eram de “pau-a-pique, cobertas com folhas de icó com barro por cima ou telha vã. (...) As portas são tão pequenas que é preciso abaixar-se a cabeça para transpô-las; estendendo-se o braço para cima toca-se quase a cumeeira; os caibros e ripas são seguros com cordas ou cipós, as dobradiças das portas e microscópicas janelinhas são de sola, na sua quase totalidade não têm reboco nem caiação, interna ou externa”. À esquerda, ao fundo, as ruínas da Igreja do Bom Jesus.

A foto acima representa mais uma das inúmeras demonstrações de ódio, vingança e outros sentimentos que os militares tinham dos sertanejos. Nela, mostra-se o que parece ser um casebre e, atrás dele, todas as terras que os sertanejos possuíam sendo completamente destruídas, essa foi a primeira vez na história que o exército brasileiro fez questão de fotografar tudo o que eles haviam feito (Zilly, 1999).

O homem por trás da foto acima e de todas outras tiradas do arraial no dia da destruição se chama Augusto Flávio de Barros, ele foi o pioneiro da fotografia militar brasileira, mas, por algum motivo, pouco se estuda o que ele fez e o que gerou por conta de suas fotografias (Zilly, 1999).

A escolha por Barros pra fazer a cobertura fotográfica pelos militares ainda é incerta, mas o que sabemos é que ele já havia cobrido outros eventos para o exército, como o enterro do conselheiro Almeida Couto, em 1895. Nesse sentido, a chegada de Flávio de Barros no arraial aconteceu já no fim da guerra, quando os militares já haviam destruído quase tudo que existia em Canudos, e o seu trabalho de fotógrafo se restringiu apenas a captação de imagens por movimentos técnicos e vistas panorâmicas de ruínas, para fazer as fotos de combates (Silva-Fath, 2016).

Como quando Flávio de Barros chegou ao arraial a guerra já estava quase acabando, foi-lhe encaminhada a missão de fotografar o cadáver de Antônio Conselheiro, o líder de Canudos. Esse pedido veio diretamente do governo republicano, que queria uma prova concreta de que o líder do arraial havia sido

morto. Assim, o corpo de Antônio conselheiro foi exumado de forma exclusiva apenas para que Barros conseguisse tirar a foto (Silva-Fath, 2016).

1.1 Justificativa

Este tema foi escolhido por conta de ter uma enorme importância tanto para o lado histórico, por ser o maior massacre da história do Brasil, em que aproximadamente 25 mil pessoas que viviam em uma extrema pobreza no sertão baiano foram tentar ganhar a vida delas no arraial e foram dizimadas, quanto para o lado cultural por conta do livro “Os sertões” do jornalista Euclides da Cunha, livro esse que foi multi premiado e é considerado um dos mais importantes para a literatura brasileira e mundial.

Outros dois pontos para se entender sobre a Guerra de Canudos é quais eram as intenções e os motivos pelos quais os militares atacaram e dizimaram a população dessa região. Assim, permite-se, também, a observação do quanto esse massacre pode ser observado na nossa sociedade atual e como ele ajudou negativamente as pessoas a ter uma visão distorcida do povo nordestino.

1.2 Objetivos

O trabalho tem como objetivos principais:

- Entender as intenções e os motivos dos militares ao atacarem Canudos;
- Analisar as consequências que o massacre deixou;
- Descobrir mais sobre o lado literário da guerra por conta do livro “Os sertões” e de outros livros renomados sobre o tema;
- Avaliar as ideias que foram deixadas sobre o povo nordestino no pós guerra.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa foi realizada a partir do método científico, que usa a metodologia científica para formular e resolver problemas, além de produzir novos conhecimentos científicos. Para a confecção deste trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas em sites do Google Acadêmico, artigos de livros sobre o

tema, trechos de matérias jornalísticas da época, artigos escritos por historiadores, além de vídeos informativos disponíveis no site Youtube. As pesquisas foram feitas utilizando palavras-chave como: Guerra de Canudos, literatura de Canudos, Canudos, Os Sertões e Euclides da Cunha.

3. RESULTADOS

Com este trabalho, foi possível concluir e aprender inúmeros assuntos em vários aspectos, sejam culturais, sociais ou históricos.

Na parte histórica, concluímos que a guerra se originou por alguns motivos, como: o preconceito que havia sobre os sertanejos, principalmente sobre o seu líder, Antônio Conselheiro; a vergonha que os militares sentiram após as duas primeiras derrotas e também algumas atitudes do povo de canudos, como não pagar impostos.

No lado cultural, dois dos únicos elementos positivos que foram deixados pela guerra foram: os livros e os filmes que o mundo ganhou, por exemplo, o livro “Os sertões”, e também uma série de muito sucesso produzida pela rede Globo chamada “Guerra de Canudos, que foi transmitida entre os dias 16 e 19 de dezembro de 1997. E, por último, mas não com um aspecto positivo, tem-se as ideias sobre o povo nordestino que os militares quiseram passar para o resto do Brasil, criando estereótipos sobre os nordestinos.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho foi possível compreender vários aspectos sobre a guerra de canudos, sejam eles culturais, as intenções dos militares que queria destruir o arraial, a imagem que foi deixada sobre os povos nordestinos depois da guerra e também como a guerra conseguiu fortalecer ainda mais a literatura brasileira em especial com o livro “Os sertões.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/canudos.htm> acessado em 27/04/2023 no horário 19:59

<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/euclides-cunha.htm> acessado em 27/04/2023 no horário 20:00

<https://brasilecola.uol.com.br/guerras/a-guerra-canudos.htm> acessado em 27/04/2023 no horário 20:00

<https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/CronoCanudos.pdf>, COSTA, Carla. Cronologia resumida da Guerra de Canudos. Museu da república. IBRAM/MinC, 2017.

https://www.academia.edu/download/50108420/Guerra_de_Canudos_uma_leitura_euclidiana.pdf, BARONI, Alice. Guerra de Canudos: uma leitura euclidiana. 8º Encontro Nacional de História, 2011.

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/8cmMPnRvyWk3dXPRxgb4RcB/?lang=pt>, ZILLY, Berthold. Flávio de Barros, o ilustre cronista anônimo da guerra de Canudos. Estudos Avançados, v. 13, p. 105-113, 1999.

http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia_old/article/view/2845, SILVA-FATH, Telma Cristina Damasceno. OS PRIMÓRDIOS DA FOTO REPORTAGEM: A COBERTURA FOTOGRÁFICA DA GUERRA DE CANUDOS NA BAHIA. **Revista Ciência (In) Cena**, n. 2, p. 121-134, 2016.

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6798361>, DE OLIVEIRA SILVA, José Maria. A guerra de Canudos e os Sertões de Euclides da Cunha: imaginário popular e revisão acadêmica. **Tempos Históricos**, v. 3, n. 1, p. 31-52, 2001.

